

# Estudo do Ipea mostra que recessão vai con-

Simone Goldberg

O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), órgão do Ministério da Economia, prevê em sua carta de conjuntura de maio que a recessão vai continuar. Elaborado pelo Grupo de Acompanhamento Conjuntural (GAC), o estudo demonstra que a atividade industrial entra em junho de 1991 com uma queda acumulada, nos últimos doze meses, de 10% em relação aos doze meses anteriores. A indústria de bens de capital será a mais atingida, com redução de 19%. A indústria de bens de consumo sofrerá queda de 5%.

As projeções do GAC levam em consideração a trajetória prevista para o desempenho geral da indústria durante o segundo trimestre do ano. Ao que tudo indica, a recessão permanece assombrando a vida dos brasileiros, apesar da redução da taxa de queda da economia observada entre março e junho. Segundo os técnicos do GAC, isto ocorreu devido a uma distorção estatística, já que a forte queda da produção industrial em abril do ano passado pressionou para baixo a base de comparação.

A taxa positiva de 2% para o desempenho industrial em março (em relação ao mês anterior), que poderia indicar que o pior já passou, ocorreu em meio ao congelamento de preços e pode representar que a política econômica no período não foi restritiva o bastante para evitar surtos de expansão, comenta o estudo. Trocando em miúdos, estes surtos de crescimento são indesejáveis porque acabam provocando aumentos de preços ou retenção de estoques, exatamente o que se pretende evitar para que o descongelamento gradual tenha êxito. Caso se confirme a tendência de março, a queda acumulada nos 12 meses completados em maio será de 8,4%.

**Saldo comercial** — A retração



\* Projeção de crescimento acumulado de junho de 90 a junho de 91. Fonte: IBGE/Ipea

do mercado interno — que estimula as exportações — foi levada em conta para a formulação das projeções sobre o comércio exterior do país em 1991. O saldo da balança comercial, este ano, deverá ser de US\$ 15,8 bilhões, um crescimento de 43,8% em relação ao do ano passado, prevê o boletim do Ipea. As exportações deverão ter um incremento de 12,5% em comparação às realizadas em 1990, alcançando, este ano, cerca de US\$ 35,4 bilhões. Apesar do discurso liberalizante do governo, as projeções para as importações — cerca de US\$ 19,6 bilhões — apontam para uma queda de 4,3% em comparação com o volume importado em 1990.

Essas projeções, ressalta o documento, dependem do comportamento do câmbio e do nível de atividade interno. A entrada na reta final para o fechamento do acordo da dívida externa poderá exigir, por conta de pressões dos credores, uma política cambial que permita obter saldos cada vez mais favoráveis de forma a ampliar os pagamen-

tos ao exterior, comenta a carta de conjuntura do Ipea. A nova equipe econômica, de acordo com as perspectivas do GAC, terá muita dor de cabeça para enfrentar as pressões inflacionárias. A análise do Ipea prevê que o início do descongelamento gradual num momento de formação de estoques e de antecipação de consumo tem forte potencial para a aceleração dos preços.

Outra pressão inflacionária é o custo dos produtos agropecuários, que no atacado apresentaram altas em abril superiores a 20%, reduzidas nos índices ao consumidor devido ao congelamento, sobre produtos industrializados e tarifas públicas. Como os preços agrícolas se recuperaram em março e abril e a tendência deverá se manter — por causa da restrição da oferta, consequência de uma safra pequena e de estoques reduzidos — o GAC aponta a importação de alimentos como saída para evitar os fortes efeitos inflacionários do aumento dos preços agrícolas.

Getúlio Vilanova

## Economia absorve cruzados

Evandro Teixeira — 1º/12/87

A devolução dos cruzados novos, prevista para começar a partir de setembro, não vai causar maiores problemas à economia. A previsão é do Grupo de Acompanhamento Conjuntural (GAC), do Ipea, que leva em conta o atual nível de capacidade ociosa e a prévia preparação do setor produtivo para uma expectativa de maior circulação de dinheiro.

Segundo as projeções dos técnicos do GAC, do total de recursos que ainda estão bloqueados — cerca de 6% do PIB —, no máximo 40% serão destinados ao consumo. Isto representaria, conforme os cálculos do Ipea apresentados na carta de conjuntura de maio, elevação mensal de 4% sobre o que normalmente se destina do PIB ao consumo privado, acréscimo que não deverá provocar descontrole inflacionário.

Os bons resultados da política fiscal até agora poderão não se repetir, diz a carta de conjuntura do Ipea, pois estavam vinculados a medidas transitórias, como a contenção dos salários dos servidores, confisco de cruzados e atraso de transferências ou pagamentos a fornecedores. O problema, na visão dos técnicos do Ipea, é evitar que os recursos liberados retornem ao mercado financeiro pelo curíssimo prazo, ressuscitando a ciranda financeira do final do governo Sarney, e impedir os efeitos negativos da corrida ao ouro e ao dólar.

Dólar e ouro tendem à especulação crescente, na medida em que se aproxima a liberação dos cruzados novos. Os Fundos de Aplicação Financeira (FAF) ou Fundões, poderão servir para a retenção de recursos junto ao setor público. Mas os técnicos do Ipea alertam para a carência de um título do governo de prazo mais longo e sem custos exagerados para o Tesouro. "A devolução dos cruzados bloqueados será o grande teste do Fundão", comentou o economista Paulo Guedes, vice-presidente do Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais (Ibmec).

**Inflação** — Para Guedes, a volta dos cruzados novos vai representar, de qualquer forma, emissão de moeda e, portanto, terá efeitos sobre a inflação. Se os recursos irão desembocar no consumo ou não, vai depender das expectativas em relação às finanças públicas. Guedes vai mais longe. Na sua opinião, a possibilidade de reativar a economia



Guedes: inflação sobe

passa pela certeza de superávit fiscal. "É preciso dar sinais de desaceleração da inflação sem artificialismos." Isto, segundo ele, não é para já. "A inflação deve subir gradualmente e a recessão se aprofundar nos próximos dois ou três meses."

Outro economista que aposta na tendência de alta da inflação — e a ritmos cada vez mais acelerados — é Marcos Arruda, da Fundação Getúlio Vargas e do Instituto de Políticas Alternativas para o Cone Sul. "A renegociação da dívida externa vai ser decisiva. A necessidade de aumentar os pagamentos aos credores vai forçar para cima a inflação." Isto porque, de acordo com Arruda, o governo precisará de saldos comerciais cada vez maiores para honrar os compromissos externos.

"O governo terá de emitir moeda ou aumentar os juros dos títulos públicos para obter recursos e com eles comprar dólares dos exportadores. São dois componentes inflacionários. Desse jeito, dificilmente se conseguirá controlar a inflação", opinou o economista da FGV. "O governo devia empurrar a retomada dos pagamentos para quando o país estivesse estabilizado e não no buraco, como agora", completou.